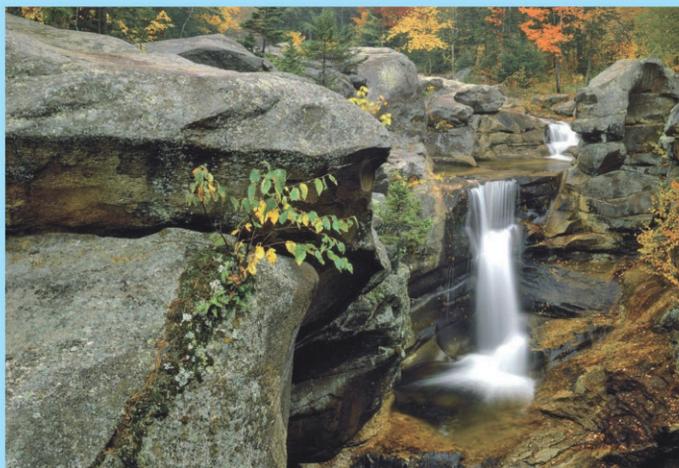


Ricardo Almeida



A Textura das Nascentes

Ricardo Almeida

A Textura das Nascentes



© by Ricardo Almeida
Direitos autorais reservados
Revisão: Esteban Rey Fontan
Editoração eletrônica e capa: Rafael Porto
Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo,
autorizando a impressão da obra.
Editor: Rossyr Berny
Contato com o autor: ricardojsalmeida@gmail.com

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:
www.editoraalcance.com.br;
www.facebook.com/editoraalcance,
www.youtube.com e digite *Editora Alcance*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R37a Almeida, Ricardo.
A Textura das Nascentes / Ricardo Almeida.
– Porto Alegre : Alcance, 2013.
70p.

1. Literatura brasileira. 2. Poesias. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34
CDD: 869.937

Bibliotecária: Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171

ISBN: 978-85-7592-261-3



Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção - Porto Alegre/RS
Fones: (51) 3346.5001 / Tim: 8233.7038 / Oi: 8437.9936
Claro: 9466.2858 / Vivo: 9616.9224
www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com

A fonte da beleza,
a inspiração,
a semente,
a textura das nascentes.

Já há poesia suficiente em ser poeta.

Para
Cláudia
e
Eleonora

Índice

Quando olhas	13	Estágio.....	41
Aquela luz	14	Recordações	42
Vejo-te chegar	15	Dois tempos, um compasso.....	43
Na distância.....	16	Angélica	44
Desconcerto.....	17	Anda junto a mim.....	45
Devoção	18	Teu corpo	46
Numa certa noite.....	19	Três fios.....	47
Feriado no parque	20	Carta.....	48
Cartão-postal.....	21	Separação de caminhos.....	49
Vesperal.....	22	Pax.....	50
Pela última vez.....	23	Acordar	51
Face cambiante no tempo.....	25	Poema esquisito	52
Num tempo que virá.....	27	Louvação.....	53
Casa minha.....	29	Vão-se as gerações.....	54
Velho casarão	31	Ainda.....	55
Carta em despedida	32	Limbo	56
Fruição e glória	33	O apanhador de flores	57
Carpe Diem.....	34	Desordem interior	58
Pequena gare	36	A moça	59
Derrama-te em poesia	37	Paisagem da janela.....	60
Temática simples.....	38	Poente.....	62
Grandes temas.....	39	Deus eventual.....	63
Voando no verso.....	40	Com a balança do tempo.....	64

QUANDO OLHAS

Quando olhas, iluminas,
e na frágua azul esplêndida
acendes tudo em torno.

Quando olhas, iluminas,
resplendem águas hialinas
no ímã da clareza luzidia.

Estás evidente em cada signo,
torçal de safiras engastadas
a ornar o louro véu
dos cabelos escorridos.

Amplias teu azul celestial,
brilhas na consagração da estética,
és a perfeição do sublime.

AQUELA LUZ

Considero se aquela luz ainda está lá,
penso que ela esteja, espero que ela esteja,
de onde estou posso erguer-me para vê-la,
contudo receio que haja imagem apagada.

Ela estava, há pouco, luzindo
e sua luz me faz feliz, com sua simbologia,
em nome de quem cintila,
e conversamos em Morse de luz / não luz.

Ela me alerta para o que desprezar,
e o que está justo e em bom termo,
assim eu a procuro pela citadina paisagem,
é o timbre mágico da amada a me dizer.

Como isso é possível, perguntariam todos,
como se formatou essa convenção de diálogo?
E digo que de tanto ver com a vontade,
sondei-a e a escolhi, e ela me respondeu.

VEJO-TE CHEGAR

Vejo-te chegar vestindo uma túnica louca,
azul-celeste em rima aos olhos,
tiara de flores do campo,
tiara de luzes douradas
num belo enleio aos fios de ouro.
Eu te aguardo sempre
inserido no ato de poetar e cantar,
e ainda, lembrando de nós,
fazer o pleito de clarividência,
tendo de acertar o caminho
do nosso encontro e das coisas
e pensando em ter sempre
o mundo p'ra fazer.
Então digo: meu Deus, não é fácil ser Deus!
Não é fácil ser Deus!

NA DISTÂNCIA

Os teus passos foram levando meus pedaços,
até que tua tez longínqua me desfez.
Agora que nada sou, e és distância absoluta,
as vagas de nossa ferida abstenção
se aderem na digital dos vestígios.
Em pulso reticente eu choro,
como sei que choras,
e cálido se move o sal da lágrima que nos recorda.
Aspergimos fragmentos
na imensidão que separa e consome cada gesto,
mas na estepe amorosa
te buscarei em todo o semblante,
meu olhar verás em qualquer feição,
e nos perceberemos, de maneira constante,
na aparição de todas as imagens.

16

DESCONCERTO

Quando assomas flamante com teu lume azul,
ensandecem os ventos com ímpeto,
entornam-se os rios às planícies,
o mar perde suas linhas,
giram os continentes abismados,
estilhaçam-se os cristais da paisagem.

Quando assomas flamante com teu lume azul,
tudo o que consiste se desordena,
todos os arranjos dançam excêntricos ao lugar,
e roda louca toda a matéria,
toda a substância para qual és o âmago,
e o demais expande-se em moldura.

Quando assomas flamante com teu lume azul,
eu vejo teu advento triunfante,
tua auréola magnífica,
o esplendor de tua imagem olímpica,
e me estonteio em desconcerto,
e o que te orna é desvario e desalinho,
perdendo tons para que cintiles una,

então flamante me sorris, refulgente,
e me acalantas na calma
para que a tela geral recupere, aos poucos,
sua tessitura habitual.

17

DEVOÇÃO

Dou a minha vida por ti,
deslumbro-me com a força deste verso,
já enfrentei a morte advinda em frases e cores,
em voos letais e ampolas de veneno,
eu te salvaria em qualquer reduto que eu soubesse.

Tatuei teu nome em meu ser integral,
tenho-te qual sagração superlativa
no mais elevado diadema, no zênite superior,
na maior altura do infinito divinal,
nessas amplitudes
ergui teu pedestal para cingir-te em culto,
em fervorosa devoção.

É um amor sempiterno ao espaço e ao tempo,
tem todas as configurações do sempre,
é o juramento indelével,
o supremo sentimento,
os dizeres à glória da forma,
o louvor total à beleza inefável.

NUMA CERTA NOITE

Neste 27 de janeiro de 2004,
há um pequeno incêndio
num dos morros que circundam Livramento,
ponta de cigarro ou fogueira inconsequente
que ganhou envergadura
na textura do pastiçal,
pulsa e alarga-se feito coroa aurirrubra,
verte no ar a sua frágua.

Eu no terraço de casa
onde observo e medito, vejo o fogo
ondular na direção norte,

entendo já ter feito o bastante na vida,
mas tendo ainda mais a fazer.

Vejo e mensuro o incêndio em mim,
enquanto lá no alto o pasto vai cedendo.
Talvez ninguém ficasse sabendo
deste acontecimento de abrasivas margens,
ó tu Homem das vindouras
e longínquas gerações,
vislumbrando o mesmo largo de paisagem
sem conta de todo o transcorrido.

FERIADO NO PARQUE

Num cenário de paz e paciência,
trajes puidinhos, mas alinhados,
no sol das seis,
o pensamento em estado elementar,
mãos e olhar mecânicos,
um casal de anciãos dava pipoca aos pombos
que adejavam e se sobrepunham
para obter alimento.
Se ao menos a diligência da vida
viesse surpreendê-los! Nada disso.
Estavam retidos no gesto único
e na estação do silêncio.
No entardecer levemente frio e triste,
havia o consentimento do trivial
ante as coisas, a renúncia,
nada valioso a ser descoberto,
a perspectiva subjugada,
o tempo enorme impondo a sua forma.

20

CARTÃO-POSTAL

Vejo uma foto do Parque Internacional,
glamoroso, peculiar,
observo os desenhos na pedra do calçamento
e penso quantos já palmilharam
esse tapete empedernido
na estrada abrangência de todos os tempos.

Deu-se, por certo, o parque,
à metamorfose das épocas,
à variante de costumes
experimentada pelos muitos que lhe transitaram,
andantes da pressa ou do lazer.

O próprio verde relevo fez-se mudado,
e talvez tenha sazonado
qual testemunha singular dos passos tantos
de quem usufruiu de sua vista
e apenas pegadas invisíveis perpetuou.

21

VESPERAL

Em meio a um sol de seda, em selo ameno,
passeio pelos bairros de Sant'Ana,
e a tarde líquida se derrama
ao que é sensitivo,
aos ícones acesos, em solar auritransparente.

Tudo é límpido e agradável
perante o céu desnudo de nuvens,
e existe alternância na paisagem
de casas e tapetes da verdura,
quase urbana, quase campo.

22

Vou com olhos estendidos à conformação vespéral
que harmoniza as boas sensações
neste clima intermediário
e penso como é belo o amor às coisas,
como é arrimo de felicidade
o amor às mulheres minhas,
e prossigo, vazante de sentidos,
na clareza do encanto vespertino.

PELA ÚLTIMA VEZ

Certo dia entrei na galeria
para comprar champanha e presentes
(era Natal)
e lá não retornei.

Vem-me outra imagem,
as ruas que findam no mar onde garotas
me entregaram a flor do sexo.

Lembro também alguns planos de contemplação
no ouro e verde das campinas
tomados por meu olhar,
e outras passagens eu poderia aludir
para lembrar de onde não retornei.

Por vezes me surpreendo pensando
nos lugares em que visito pela última vez,
praias, campos ou urbes.

Quando me incluo em seus domínios,
como saber que lá não voltarei?

23

Talvez sentisse saudade antecipada
se soubesse que não retomaria as imagens
dos espaços onde estou.
Na distância percebo
que todos os lugares de derradeiro abandono
palpitam.

Se soubesse, com olhos de adeus definitivo
tocaria o solo com mais sabor,
teria aura de maior vínculo e afeto
e teria recordação prévia de pessoas
vistas sem a possibilidade de volta
(como saber que o fado assinala isso?).

24

Hoje passeia a prospectar a memória:
Quando foi? Onde? De que forma?
pensando nos lugares vistos
para os quais não retornarei
porque assim determina o fado ou a sorte.

Quantas pessoas não mais verei?

E um fio se conclui nestas perdas:
tudo isso é referência de final,
e surge então, longínqua, a palavra dorida
em sua agonia: despedida.

FACE CAMBIANTE NO TEMPO

Uma cesta de vime com flores amarelas,
uma toalha vermelha em trabalho tecido
sobre uma mesa de cor de madeira de ipê,
cadeiras com um dragão segurando uma efigie
cunhados no couro,
pequenas esculturas em gesso,
um vaso com planta,
castiçal, bandeja e bules de prata,
um singelo carrilhão, quadros, armários,
utensílios domésticos e outros pertences,
eis a sala de jantar de casa.
Gosto da conformação sonora que tem,
aqui me dou tempo ao violão,
afeito a casar notas e versos,
compondo uma infinidade de canções.
Olho para as formas em torno
e perpassa-me um pensamento:
Daqui a trinta anos
as pessoas que aqui viverem saberão disso?
Terão intimidade com a música
e cantarão aqui como eu cantei?
Haverá silêncios que tenho de pressentir?

25

Somos, sim, submissos ao transitório,
uma nova decoração talvez existirá
nas faces desta sala,
dando ciência de outras vidas;
por hora este pensamento a rebater em mim feito eco
(o destino tem seu precatório):
no rumo emergente ao não exercido
que palpitação humana ocupará este lugar?

NUM TEMPO QUE VIRÁ

São três horas da manhã
na Avenida Sarandi,
não agora, mas num tempo que virá
quando eu não discorrer mais
por estas amadas ruas
na forma de corpo presente.

Há alguns transeuntes que passam,
notívagos, e os que se situam na demora
em relação aos que já partiram para as casas de festa,
há guardanapos de papel
que o brando vento do outono vai movendo
na rua quase deserta,
testemunhos
dos que aqui desprenderam efusivas dialéticas,
e deram ao palato o manjar de iguarias,
e sorveram as bebidas temperadas com álcool,
e olharam para outrem com fruição e intuito de calor.

Vejo o constante nessa data posterior
e repasso os longos anos
onde aqui fui hedonista,
e ouço o toque de passos que são meus
nessa atmosfera de calma
que sucede aos encontros e alaridos.

Ouso ir, incorpóreo,
enquanto se apaga a aquarela de vitrines,
e penso se algo me recorda
nesse contexto e cenário familiar.

Caminho e reconheço o que permanece,
e vejo as nuances do que está mudado,
e faço isso com uma seda de prazer e poesia
que afaga o pensamento,
espécie de gosto flutuante aos sentidos
acariciando o sensorial.

Lembro do “Mapa”, de Quintana,
e da vocação dos poetas
de continuarem ainda na saudade,
dissolvidos, confundidos
em todas as paisagens e circunstâncias
onde, de alguma forma,
em algum lugar, em algum tempo,
foram amor para além do temporário.

CASA MINHA

Num futuro talvez não muito distante,
esta casa não será mais minha,
mas sustentarei, no mosaico da memória,
este lugar onde por tempo fui feliz.

Foram noites múltiplas onde escrevi,
no recanto da lareira,
ao som dos Rolling Stones,
junto à dança vária do fogo,
entre o halo de cervejas e cálices de vinho,
textos que amo,

e cantei, e compus, e toquei meu canoro violão,
e cuidei estrelas,
exalando poesia pelas sacadas e terraço
nas datas de verão,

e no largo dos equinócios sobrepus sentidos e sensações
nos contornos desta arquitetura,
e a vertente do que fui
modelou-se em cada geometria de parede,
em cada formação percorrida.

Irei me despedir, algum dia,
 deste amparo familiar,
 quando cruzar pela vez derradeira
 este espaço de residência,
 e as lembranças serão infindas,
 e eu as terei providenciais, para revisitá-las.

Um dia eu voltarei
 para fitar a fachada costumeira,
 e pensar nas variantes dos que aqui viverem então,
 e me evolarei em pensamentos,
 como agora faço.

Aqui eu vivi o bom signo dos namoros
 com muitas de minhas ninfas,
 teci substanciais arranjos de júbilo
 e sou propenso a guardar as melhores recordações
 dos movimentos de fraternidade
 e da fruição das festas em meio a pessoas queridas.

Casa minha de um tempo de ventura!
 levarei as tuas melhores cores,
 a tua melhor textura,
 a tua melhor harmonia sonora,
 a tua melhor fragrância,
 o teu melhor tempero de existência,
 a tua melhor saudade.

VELHO CASARÃO

Velho casarão da minha infância,
 velha morada da Rua Vasco,
 foste tempo de felicidade suave e continuada,
 de tessitura lúdica e sabor imaturo.

A caixa de cavalinhos, o futebol de botões,
 a geografia íntima do pátio,
 o jogo de bola, os pedais da liberdade,
 o cinamomo com suas folhas picotadas,
 a figueira com seus pomos,
 a imaginação e a construção de histórias
 em vertentes mágicas e criativas.

Foste um abrigo de harmonia,
 um arrimo encantado,
 uma aspersão de aura inocente
 brincando com a fluência da vida,
 e os eventos eram todos túbios, espontâneos.

Tombaram as espessas paredes,
 fizeram em teu lugar um edifício,
 até a feição da quadra se transfigurou.

Quando passo por onde foi o teu formato,
 reverencio a mina de sonhos,
 os ecos da voz pretérita,
 as imagens de um tempo
 que se justapõe legível às linhas de hoje.

CARTA EM DESPEDIDA

Obrigado à querida terra
natal
que me deu substância
para ser.

Formou-me em palavra,
melodia e amor.

Ofertou suas formas nuas
e tantas formas sentidas.

32

No balanço final da vida,
quando chegar a hora,
agradecerei,
terra à qual dei pele
e pele recebi.

Terra da qual recebi alma
e alma doei.

FRUIÇÃO E GLÓRIA

“A glória sempre chega tarde
para as cinzas”

Marcial

Proclama em vida a tua glória futura
se suspeitas que a terás,
assim em atos prévios
podes gozar o que não verás.
Antevê o campo florido dos louros
de quando flores guarnecerem a tua lápide.

Van Gogh não pôde desfrutar
do halo de seu gênio,

embora o prazer da Arte seja o bastante,
viveu na miséria financeira
e assim morreu amargurado e mutilado.

Dá ânimo às tuas faces de bronze,
cingidas de cunhadas inscrições.
Antecipa a tua póstuma envergadura
e faz no presente o merecido além.

A felicidade que a vida não te der
a morte não dará.
Vive hoje e frui o teu legado.

33

CARPE DIEM

E eu aqui, vivo!
E eu aqui, vivo!
E este espanto! Este espanto
que é a vida!
com seu calvário, mas com delícia.

E eu aqui
com menos vida para gastar,
já com mais vida decorrida
do que ontem,
e sabendo que devo tomar
todo o instante, pleno,
e que o instante pode ser mais,
e deve ser mais.

A vida é um grito!
A vida é um grito!
Deve ser exaltação do sabor,
deve ser dita alta e forte.

Bravo! Bravos! nós que sabemos
que deve ser alcançado máximo delírio.
Hiperestesia! Hiperestesia!
É agora! Ela vem! Ela vem!
há que chamá-la em todos,
de todos os lugares,
de todas as formas,
com clamor desmedido.

Todas as invocações,
além das ruas, além dos campos,
no mar e no ultramar, aqui e depois daqui,
clamor na poeira sideral,
beijo no infinito,
túmida semente no Universo.

Loucuras! Todas as loucuras!
E o amor! E o amor! E o amor!

E eu aqui, vivo,
e tu, viva, junto de mim
ou clamando proximidade.
Viajantes do instante é que somos,
então vamos ascender o voo
para onde nenhum sonho alcançou.

Vamos além! Vamos além!
que todos nestes versos viajem
a invocar o espanto desta hora.

É preciso bradar em geral:
nós estamos no Universo,
vivendo o tempo da vida,
colhendo o tempo da vida!

Pois vamos transgredir o cotidiano,
até que venha a beleza,
até que aflore a poesia,
é isso: Vivam! Vivam! Vivam!

PEQUENA GARE

Pequena gare onde o tempo descansava.
Crescia, em seu corpo de fendas,
silenciosa, a ocupação vegetal.
Os entalhes dos dormentes,
as trincas musgosas da amurada,
as telhas rotas da estação,
os balaústres poentos;
o acúmulo de muitos tempos
em cada vinco, nos viços perecidos.
O derribar preguiçoso das horas,
o pulso atemporal, o ar de eternidade
sobre as cores pastéis, lívidas de sol.
Esperávamos o trem para Pampeiro,
o trem da juventude,
para trilhos iridescentes e oníricos
nas pautas dispostas à vida.
Naquele singelo lugar de lenho rajado,
entre desmaios de imagens,
ergueram-se no halo da tarde
os primeiros pruridos da poesia,
os primeiros delírios da poesia.
Eu não sabia o que eram, nem o que seriam,
até que um dia, teus olhos me disseram.

36

DERRAMA-TE EM POESIA

Derrama-te, sê fluido, exagera,
verte sem medida, não te contenhas,
entorna o vocabulário líquido,
estende-te na palavra rara,
no termo de preciosa escrita.

Inunda os motivos poéticos,
alastra o fluxo da textura verbal,
flui incontinente, extravasa o verso
na fulgência do meandro,
na bela amplitude do estilo.

Dá brilho de água fluente à estrofe,
sê luzente, acende a linha grafada,
o cintilar do vocábulo incomum,
em feixe sinuoso e curvilíneo,
em arabesco refinado.

Amplia a beleza da elegância textual,
embebe-te na vazante rica,
dispõe a linguagem de forma requintada
na fluência do formato rebuscado,

permite a concepção do enfeite,
o privilégio vário da estética,
alcançando a riqueza de expressão,
transbordando a substância erudita.

37

TEMÁTICA SIMPLES

Ah! a delícia de um tema corriqueiro,
quando da passagem singela,
do episódio corrente, da cena comum,
do advento cotidiano
extrai-se um verso de envergadura,
uma forma clara e elevada,

quando se ajusta o poema
quase ao selo da sorte, do limar ferrenho
ou da sublime inspiração,
sabe lá o poeta.

38

É venturoso quando de quase nada,
ou de coisa elementar
surge algo que se compacta na certa densidade,
e tange com fortes dizeres a perfeição,
e apronta-se com justeza
para realçar em relevos de harmonia,

quando o poema ao mote do simples
todo ganha peso em si,
e formata-se com feliz maestria,
e fulgura justo no dispor exato,
e a expressão alteia o singelo.

GRANDES TEMAS

Penso nas questões existenciais,
na origem e destino de tudo,
no saboroso tempo vigente,
na vitória de ser algo vivaz,
na tessitura natural que faz delícia aos sentidos.

São complexas as equações, os teoremas,
a compreensão avança o que consegue,
incrementa a biblioteca da Terra,
tentamos entender os fluxos,
as composições de matéria,
as composições de energia.

39

Tecemos perguntas à luz dos grandes temas,
há respostas que consistem e avultam no saber,
ou fomentam a sequência da sondagem,
é crucial ter prazer e prosseguir.

Ou estamos na ciência ou estamos no mistério,
no ângulo aparente ou no ângulo oculto,
e unidos nas dádivas da bendita
voamos na experiência milagrosa que é a vida,
a espetacular, a deslumbrante,
a magnífica, a esplendorosa vida.

VOANDO NO VERSO

Este é um poema concebido em sobriedade,
nada de álcool agora,
e sim remédios que moderam neurônios,

talvez haja mais estabilidade de voo,
inteireza das ideias,

e menos picos de altura, impulsões desmedidas,
fragmentos de alta inspiração dispersos no todo.

Busco a estrutura mais completa,
abarcando suficientes flancos do pensamento,
prover tessituras de harmonia,

viajando menos
a soltura da prospecção livre,
a densidade translúcida, a crença no impossível.

Mas não há perdas,
só ganhos na construção de versos,
são todos sagrados,
significam voo no íntimo e voo na amplidão,
erguem-se divinos,
incidindo ou não na proposição da forma.

ESTÁGIO

Atingi um estágio de felicidade elevada,
de enlevo, de altitude, de permanência,
de impulsão ao zênite do prazer,
pelo amor, pela poesia, pela música,
pelo contexto de vida e obra
à envergadura que consegui,
pela minha concepção de humanidade,
pela imagem das deusas que me são história.
A estética me propicia reiterados assomos de êxtase,
sobrevoo a sublime altura,
louvo a beleza.

Já estou no céu.

RECORDAÇÕES

Vai na sensação do ato pleno de estesia,
vai no sentido do ato posto na delícia,
são apoteose e serão para sempre
saborosa relembrança.

Quando fazes impulsão bela,
quando fazes refulgências, fazes muitas vezes,
rebatidas na memória que advirá
sempre que repousares em pensamentos.

Como é saboroso recordar os eventos felizes,
os instantes de ventura,
o esplendor hedônico,
o prazer da vida e da arte!

Quando realizas o bem e o crucial,
realizas muitas vezes,
uma infinidade de ledos ensejos,
pois a beleza chegará em alas aprazíveis
para pousar satisfação reiterada.

DOIS TEMPOS, UM COMPASSO

Para Antônio Eliezer Leal de Souza

És, dentre os poetas, uma distinção de luzes
pela alta poesia que seduzes
e levas ao estêncil face ao tom sensível
pelo filtro da arte que a faz visível.

Conversamos em tempos paralelos
onde rimam as formas dos instantes belos
e os poetas, meu vate, não têm idade,
têm todos os tempos da madura mocidade.

Andaste, por certo, as ruas que ando,
e andamos juntos, mais vislumbrando
as musas e os matizes da querida Ana,

tudo que diz ao sentido e se explana
no fluxo constante e no teor bonito
do curso que grafa lumes no infinito.

ANGÉLICA

Desprendo o passeio do olhar
atento para a escala de lilases, violetas,
essas cores refinadas e exóticas
encontradas num ocaso,
no lustre das flores ou em tintura outra.

Cores raras, as quais é gozo pronunciar,
dizê-las em poesia,
trazê-las à curvatura da retina.

44 Também tu, ó anjo, és requintada
e exótica nas aparições,
chegando em ciclos raros e esporádicos,
e és tão refinadamente bela,
tão proximamente estrangeira,
com tanto glamour, graça e elegância
que acendes leques cromáticos
ao amor especial,
com seda passional aos sentidos.

Embora seja alvura o que te representa,
cintilas a raridade dos lilases, dos violetas,
e provocas a amplitude do suspiro
com tua grinalda de vertigem,
com tua guirlanda de matizes.

ANDA JUNTO A MIM

Aproxima-te e dar-te-ei um cálice de vida
como ritual de apresentação,
depois a vertente toda, o manancial inteiro
do fluxo ditoso da existência.

Anda em meu percurso
e te darei de meu andar feliz,
e verás que cores tem o tom vivaz,
tecido de cromática fulgente.

45 Chega em minha senda
e ofertar-te-ei a felicidade nítida
ao abarcares, comigo, o contexto jubiloso.

Aprenderás de mim, passo a passo,
conhecendo a arte de viver múltiplos sabores,
e verás a forma matizada com que vejo,
degustando o evento aprazível aos sentidos.

Perceberás que sou seletivo para a ventura,
e que percebo graça no tom da natureza,
e me encanto com a luz de cada movimento,
e seguiremos com mãos entrelaçadas
pelo proveito de todas as belezas.

TEU CORPO

O formato do teu corpo
desliza modelado na lembrança
conduzindo à saudade de teu corpo.

No saguão floral da vida,
contravalsando a ciranda do vento,
lembro nossos corpos, digitais em contato.

Tinhas perfeição nas curvaturas
e exatidão no esplendor feminil
dos vinte e poucos calendários.

46

Tua formação escultural
seduziu minha juventude e perplexidade:
em marítimo cenário de verão
o jovem estudava o amor
no amplexo da mulher segura.

O espaço, hoje, nos divide,
mas em toda a estação do fogo
a mesma ponte sob a lua
nos relembra e ressentente.

E teu perfume, véu de aromas,
unge toda a senda e toda a sandália
com que nos percorremos.

TRÊS FIOS

No labirinto amoroso,
três fios de âncora
seguem teus passos.

Quando amor te juram,
rompes o primeiro
jurando que o amor não pede amarras.

Quando te traem,
rebentas o segundo
para as ataduras em teu peito.

O terceiro, outra fada
de igual encanto te pede,
e esse não dás.

Sobra o fio de descrença
em teu coração
cortado duas vezes.

47

CARTA

Um dia, tudo se fez distância,
e resignei minha saudade
porque percorrias um trigal ditoso
enquanto eu cruzava um turbilhão.

Muito tempo depois,
desprendeste tuas bodas nupciais
e partiste a buscar, então,
o teor de andanças estrangeiras.

Sinto-te mais perto agora,
minha alma se aproxima...
mas num paradoxo dos quadrantes,
habitas terras de ultramar.

48

SEPARAÇÃO DE CAMINHOS

Vê, amiga, como o destino se ramifica
em distintas inflexões,
nós que tivemos época de traçados comuns,
de comunhão das vidas,
em reluzentes andares juvenis
(e até nos pertencemos),
hoje rumamos diversos no dispor do fado.

Levas teu curso apensado nas convenções sociais
de família, filhos e regras gerais,
vivendo a normalidade,
enquanto me entrego em essência à Arte
e ao culto às minhas musas,
sempre buscando novas centelhas feminis
para amá-las, assíduo na linha da noite,
alternando tempos de laço conjugal
com o brilho de alguma conquista eventual.

Como vês, amiga, em alguma data
perdemos a filosofia compartilhada
e nos deixamos em dissolução decorrente
de seguirmos nosso desencontro, enfim.

49

PAX

Pax
diz o frontispício da casa do silêncio,
e de fato as alas estão todas silenciosas.
Há uma calma como se proveniente
de outro tempo,
só o vento fala um salmo respeitoso,
só o vento canta na folhagem.
Anjos de pedra resguardam as campas,
revestidas de predominância cinza-escuro,
com definitivos dizeres em bronze.

50

Entre alvenarias tumulares
e flores de saudade, passo,
revejo lápides de antepassados,
familiares dos quais sou a continuação,
o seguimento, a vida transmitida.

Procedo ao itinerário da aproximação,
observo o desfecho do inevitável,
e agradeço o que foi harmônico convívio.
Rendo homenagem, fico mais denso,
abro pedidos, despeço-me e prossigo,
logo o pensamento molda
o que moldaria uma oração.

Volto em meio ao sol e ao cenário grave,
ainda estou na transparência, no cristal,
no halo, na deliciosa luz hialina.

ACORDAR

Sensação apazível e sobretudo crucial,
acordar, depois de um reconfortante sono.
O voltar à tona após a imersão,
o mover-se entre o linho dos lençóis,
o espreguiçar vagaroso,
o sabor de mais alguns minutos
recostado em meio aos primeiros pensamentos do dia.
Crucial, sim: é que se não acordarmos,
morreremos, e um dia será assim,
o sono irreversível,
a falta de toda a noção,
o eterno neutro absoluto.
Dormiremos na região do sempre
o vazio da antívida,
sem uma centelha que seja de qualquer coisa.
Iremos ao abissal sem retorno,
ao precipício do nada, sem despertar existencial.
Mas será isso?
Talvez nos salvemos
pelos arcanos de todos os mistérios.

POEMA ESQUISITO

Numa trajetória de viagem,
passo por um pequeno cemitério de beira de estrada,
observo o limo
e o cimento obscuro das lápides singelas,
e soterrados no cenário lúgubre e modesto
jazem alguns que já foram viva história,
e movimento de cada um,
e animadas sensações.

Talvez parte deles tenha se conhecido
no abranger do acanhado povoado,
em sua área de influência,
outros talvez tenham vivido tempos diferentes.

Ah! como eu gostaria de devolver-lhes a vida
e vê-los num estranho encontro,
reunidos num bucólico festim às margens do tempo
onde se cruzassem os advindos quereres,
e imprevidos pares ali se arranjassem,
e surpreendessem a lógica do imutável,
se houvesse segunda chance de existir.

LOUVAÇÃO

Qual o sentido de sermos vida
se um dia seremos morte,
e antes de sermos tudo
éramos igualmente o vazio que espera?

O milagre, o espanto, o encanto,
os atributos da deliciosa existência,
melhor vivê-los
de modo superior a questioná-los.

Louvemos a vida,
exíguo tempo extremo
entre dois nadas
neutros e eternos.

VÃO-SE AS GERAÇÕES

Vão-se as gerações, passando em sequência.
Quando maturadas, sobram os vestígios
de quem viveu douradas épocas,
de quem fulgurou em seu bom tempo.

Morrem ao fio da prescrição seus protagonistas,
e restam poucos, com o sustento das histórias,
com a memória de um período,
com o arquivo de feitos já no longe.

Assim como tudo, cumpre-lhes passar,
saber do relatório de perdas,
dos amigos e conviventes que partem no ocaso
produzindo auroras apagadas.

Cabe aos tardios reter os acontecimentos
de um tempo que foi viço e atitude,
e puxá-los de outrora em distensão oral,
e contá-los a quem lhes faz sucessão.

As gerações se vão, amadurecem,
pendem ao solo qual folhas outonais,
até que resquício de vida algum se apresente
além dos legados e da lembrança.

AINDA

Vejam os anciãos em um asilo,
parecem exilados da vida,
com uma tranquilidade humilde,
guardam experiências de quem viveu tanto,
de quem sabe com o silêncio,
de quem fez uso dos dias por largo tempo.

Parecem prescritos
como quem espera muito pouco,
o horizonte é próximo, exíguo,
só há certeza do imediato,
a manhã seguinte pode ter vezes de final.

Estão na amenidade,
rendem-se companhia,
trocam gestos silentes
ou contam alguma concessão de história.

Estão gastos, lívidos de experimentos,
com todo o calendário da velhice,
devem ser austeros,
de uma reserva sábia,
sazonados e de emoções maduras.

São antigos, atendem pelo nome de avós,
talvez tenham algo de desamparo,
lembranças de aconchego remoto,
talvez ainda sonhem com seus pais.

LIMBO

Desperdiçam-se caudais de pensamento.
A mão não dá vazão à escrita.

A antologia dos cantos perdidos
traduz-se limbo
para onde rumam os poemas incorpóreos.

Fantástico cemitério da gênese.

56

O APANHADOR DE FLORES

Que ofício é esse
que tem a beleza e a morte no seu ato?

O apanhador colhe os matizes,
o apanhador colhe os perfumes
para encantar visão e olfato
de tantas pessoas
que se aprazem com flores arrancadas.

Vê como são admiráveis os buquês,
vê como são encantadores os arranjos.

O apanhador ceifa a vida
para ofertar o ícone da estética
no duplo sentido do seu feito:
corta o caminho vital da seiva
para ornar a vista com pétala fugaz.

57

DESORDEM INTERIOR

Também foi tempo bom o tempo da loucura,
se bem que loucura talvez não fosse,
eu havia descoberto há pouco
os eventos da hipnose,
estava em desordem interior
e ensaiava para um show com os Rolling Stones.

Compunha algumas músicas, escrevia poemas,
ouvia canções dos Stones,
tocava bastante para o público que era eu,
e divagava, e trançava pensamentos desconexos,
e lembrava dos adventos do sonho.

Louvava a mulher amada,
passeava pela cidade à tardinha,
meu contato com o real,
varava boates na busca de uma bela,
via as belas que foram minhas no transe,
e tentava juntar assomos oníricos com a realidade.

Nenhum trabalho que não fosse a liberdade
possível dentro da demência,
e havia soltura, garanto, fluida no espaço,
a idealização da magnitude,
o transcurso
por todas as formas impossíveis de ser.

A MOÇA

Transladando-me em um táxi-lotação
pelo centro de Porto Alegre
vejo os eflúvios de gente nas direções todas
e vou tornando-me, aos poucos,
espargido em pensamentos,
e a matéria vista
já vai volátil e vaga rente a mim.
Mas de súbito fixo o olhar
em uma moça caminhante que me passa tangente,
e ela também vai levada em pensamentos, creio.
Ao vê-la, ela existe para minha pessoa,
e este destino de fugaz encontro
converge em coexistência
e acesa constatação visual.
Sim, eu a vi, uma vez que seja,
no acaso do intercurso,
e de alguma forma ela é presença em meu caminho.
Que vida levará?
Que nuances de acontecimentos lhe tecem?
Quais as têmperas de sentimentos?
Qual a ventura ou desventura?
Ela se vai, eu continuo, mas uma vez na vida
a construção de toda a sorte pregressa
nos apresentou no olhar,
e assim ela, no instante, existiu para meu ser,
e se me viu, eu também p'ra sua noção fui existente.
E as águas fluem em desenhos vários,
tocando, ao fado, seus meandros.

PAISAGEM DA JANELA

Incontáveis poemas escrevi
neste apartamento da Fernando Machado,
tendo, à esquerda da mesa onde escrevo,
a bela e familiar paisagem
de uma fração do Guaíba, tão feérica,
tão aprazível ao pousar dos olhos.

Inspiração poética, explana pigmentos naturais,
dispõe cores de arquiteturas
e tem a baía do rio
a recostar-se mansa no esteio do parque,
formas ao alcance de minha exclamação.

Por vezes passo tempo a vê-la
tinta de sol ou tingida de noite,
e no descansar do dia
pontos de luz a enfeitam qual sinais pulsantes,
e traços riscam sobre a água plácida.

O sol vazante de aquarelas, no poente,
adorna o contexto observado,
a composição de lindezas,
e a noite traz uma planície de archotes
que se eleva ao arco do morro
nesta conjuntura de imagens.

Aqui divago perante a vista amorosa,
e toda a escala das horas
se dá à contemplação alada,
e voo nesta direção sul,
e traço considerações de tom emotivo,
e acendo o pensamento por sobre os relevos visados.

POENTE

O Sol se deita no Guaíba
incendiando as cores do fogo,
soltando uma aquarela de tinturas.

Todo este natural espetáculo
de um poente cartão-postal
eu vejo da janela do meu apartamento.

O Sol em brasa apaga-se na água
deixando um leque de matizes
e amanhã o encanto se repete.

62

Agora um edifício levanta-se anteposto
aos tons de ouro e sangue
da mágica paisagem do Sol posto.

Ah! porto-alegrense entardecer!
No lugar de tua beleza haverá um paredão,
é o progresso e sua voragem.

Já escolho as palavras de saudade
e usando a despedida de Bandeira,
digo: “Adeus p’ra nunca mais”.

DEUS EVENTUAL

Observo o quadriculado do piso cerâmico,
a correição sobre ele,
a fileira de pequenas formigas
que provêm da grama adjacente,
e costuram caminhos,
e rumam para o lar subterrâneo
com o resultado de sua colheita.

Dá-me à vista uma das pequeninas criaturas,
estou a um passo dela,
poderei pisá-la, se quiser, mas não farei isso,
por minha índole do bem,
zeloso da diversidade natural.

Concedo-lhe, assim, a continuação da vida,
exercito-me como Deus
para a diminuta aparição,
consagro a existência simultânea
e preservo a unidade miraculosa
desse ser singelo.

A decisão simples é vital à andante, sei disso,
enquanto ela ignora a boa sentença
e a sorte concedida pelo Deus eventual,
que é senso benfazejo
à compleição tão desigual.

63

COM A BALANÇA DO TEMPO

1999

Aqui vou, com a balança do tempo no Coração
e no Pensamento,
passado, hoje e futuro de todas as coisas
convergentes
em meu centro sensível.

Aqui vou, resistindo
num espaço ao sul do sul do Brasil,
mais poeta quanto mais estrangeiro no mundo,
com a Música no céu do sangue,
perdendo pelo caminho:
amigos, família, amadas várias,
sozinho com a natureza,
sozinho com a paisagem
– e isso já é muito –
estilhaçado em palavras de busca,
premidido entre o real e o imaginário,
caçador de minha própria vida
que tentaram levar e dividir com todos.

Aqui vou, garimpando os instantes cruciais
de um sono demorado,
um caçador de imagens ganhas e perdidas,
um bandeirante do que foi sonhado
ou, talvez, vivido.

Aqui estou, feito cavaleiro
que fratura o gládio
e vai despedaçando a armadura
sem desistir da luta,
esfolando a pele, a carne, os nervos,
até restar apenas a Alma desgastada,
exígua, mas inabalável
na defesa do Amor,
no zelo com a Verdade,
na apologia da Confiança
como referenciais do Ser Humano,
na Intenção de consagrar o que é Justo.

Aqui estou, isolado
pelo meu gênio incorruptível,
intolerante face às perfídias individuais e sociais,
menos feliz do que merecia,
mas com um assomo de júbilo
por ter um pensamento fundamental
leal a mim, e vice-versa,
um assomo de júbilo
por ter cumprido com o destino Essencial.

Aqui estou, mais poeta
quanto mais estrangeiro no mundo,
sem ter lugar,
mas habitado por uma esperança profunda
nas messes de minha semente:
messes do Corpo,
messes do Pensamento,
messes da Alma,
messes do Sublime Sentimento,
pelas quais tenho zelo,
pelas quais amo ainda mais a Arte
e busco para a Humanidade a Beleza Total.

Aqui vou, nauta solitário
feito estrela viajante natural do infinito,
feito estrela pervagante
que à órbita terrestre se desintegra,
mas deixa um aceno de luz
a quem, um dia, quiser lembrá-la
e que impávida em seu curso de volta,
retorna até o intangível azul.

Do autor

Ricardo José de Souza Almeida nasceu em Sant'Ana do Livramento, Rio Grande do Sul, no dia 1º de janeiro de 1962. É poeta, cantor, compositor e engenheiro civil graduado pela UFRGS. A partir de 1991 passou a colaborar com textos literários para jornais. Foi premiado em diversos concursos de literatura.

Em 1993 lançou seu primeiro livro de poesias, *Trança de Passamanes*, pela Editora Grafos. Foi nascente e membro-fundador da Academia Santanense de Letras, que em 1995 teve o ato de sua fundação. Em 2003, lançou seu segundo livro de poesias, *A Miragem e os Argos*, pela Editora Movimento. Em 2005, lançou seu primeiro CD, *AMORTOTAL*, gravado no Estúdio Rastros. Em 2009, concluiu, com nota máxima, Pós-graduação em Literatura Brasileira pela UFRGS. Em 2010, lançou seu terceiro livro de poesias, *Estação Hipnose*, pela Editora Alcance, e seu segundo CD, *Onírico e Real*, também gravado no Estúdio Rastros. Em 2011, lançou o livro *Sonetos de Nuance Livre*, pela Editora Alcance.

Conquistou duas Menções Honrosas no Prêmio Lila Ripoll de Poesia – edição 2011, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2012, foi um dos três premiados no Concurso Cultural Porto Alegre, *Meu Lugar*, promovido pelo Correio do Povo, com apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que teve em torno de 400 crônicas inscritas. Teve o poema de sua autoria *O Apanhador de Flores* selecionado no Concurso Histórias de Trabalho 2012, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Em 2013, lança o livro de poesias A Textura das Nascentes, pela Editora Alcance. Concluiu, também, o livro Quartetos a Sudoeste do Sul, com data de lançamento ainda a ser definida. Está escrevendo o livro Fluxo Ternário. Tem o show Luzente montado para apresentações, com algumas já tendo sido realizadas. Já compôs mais de 300 melodias e colocou letra em mais de 70 delas. Como engenheiro civil exerce suas atividades profissionais na CORSAN, em Porto Alegre, onde reside.



Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção - Porto Alegre/RS
Fones: (51) 3346.5001 / Tim: 8233.7038 / Oi: 8437.9936
Claro: 9466.2858 / Vivo: 9616.9224
www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com